

Espera por um marcapasso põe em risco vida de pacientes

A desvalorização da moeda chegou aos hospitais públicos. O aumento no preço do marcapasso, que é feito com peças importadas, está gerando uma fila de pacientes à espera do aparelho no Hospital de Base (HBB). O hospital é a segunda unidade de saúde no país em implantação deste equipamento, atendendo a uma média de 20 pacientes por dia.

Até ontem, a fila à espera de um marcapasso era de 17 pacientes. A costureira Maria Nunes Pereira, 47 anos, aguarda há um mês pelo aparelho, deitada em uma maca no corredor do hospital. Debilitada, ela só se movimenta com ajuda de enfermeiros ou familiares. "Não posso andar sozinha. Corro o risco de cair e ter uma fratura", diz ela, que mora no Gama e ganha um salário de R\$ 185,00. Sua colega ao lado, a aposentada Antonia Pereira da Paixão, 73 anos, está na fila de espera há três semanas. Ela veio de Paracatu (MG) para colocar o marcapasso. "O médico disse que a única saída era colocar este aparelho", diz ela, que tem dificuldades para falar.

"Todo paciente que precisa de um marcapasso está em uma espera de risco. Existem os pacientes gravíssimos, em que a mudança deve ser feita no momento e os que podem aguardar. Não existe tempo máximo", resumiu um cardiologista da equipe do HBB, que preferiu não se identificar.

A falta de marcapassos é devida a uma variação na tabela de preços do Sistema Único de Saúde (SUS) e das empresas que vendem o aparelho. O SUS repassa R\$ 2,5 mil para cada marcapasso. Com a alta do dólar, o produto passou a ser vendido por R\$ 4 mil, a partir de fevereiro. O Ministério da Saúde começou uma 'queda de braço' com as empresas para a manutenção do preço antigo e limitou o reembolsou para 25% dos casos de emergência. O restante seria pago pelos hospitais que, não tendo recursos, passaram a reduzir o número de cirurgias.

A Secretaria de Saúde garante que, enquanto o estoque não for regularizado, estarão sendo atendidos prioritariamente os pacientes mais graves. Esta semana, três doentes receberam o equipamento e mais quatro estão com um aparelho provisório.

"Estamos colocando quantos marcapassos sejam necessários. O problema é que o preço dos fornecedores beira à delinquência, mas já tem uma empresa que está aceitando o preço tabelado", anuncia o secretário de Saúde, Jofran Frejat. "Mas não vamos deixar de atender aos casos gravíssimos e de doentes que sejam de Brasília", garante Frejat, que não tem previsão para a regularização no atendimento.

O secretário já fez ameaças de denúncias à Justiça das empresas que pediam reajustes abusivos, e recomendando que elas fossem consideradas inidôneas para vender qualquer produto ao governo.

Enquanto empresas e governo não acertam a tabela de preços, Antonia e Maria aguardam nos corredores. "A minha esperança é Deus. Tenho que esperar a vontade de Deus e do governo", desabafa Maria.